

FERMENTAÇÃO RITUAL: A CAUINAGEM ENTRE OS ARAWETÉ E OS YUDJÁ

Autores: Carlos Gomes de Castro e Nikolas Rafael Gil Alcon Mendes

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Agência de fomento: Programa de Educação Tutorial (PET / SESu – MEC)

Orientador: Ruben Caixeta de Queiroz (SOA - UFMG)

Tratar a culinária como uma forma de pensamento e ação é uma possibilidade de entendermos como se organizam diferentes modos de estar no mundo. O quê, como, quando e onde se come não são atributos universais, antes, uma restrição coletiva, não estanque, do campo dos possíveis no interior de uma cultura. A culinária é a efetivação de um número limitado de opções alimentares, tanto no tempo quanto no espaço. Entrar na cozinha e pensar a culinária é, portanto, um possível caminho para o mapeamento, seguindo Viveiros de Castro, das formas alimentares da vida religiosa, guerreira, social, humana e não-humana.

Um objeto inebriante. Neste trabalho, tomando como base as etnografias sobre os Araweté, de Viveiros de Castro, e sobre os Yudjá, de Tânia Stolze, temos como objeto de estudo uma culinária festiva, a saber: a cauinagem. Esta, por assumir a característica de um fato social total, abarca diversas esferas da vida desses povos. Por ser um momento de alimentação especial, ela nos permite pensar que o ato de comer/beber vai além da simples saciedade e gosto individuais, pois invoca sistemas de comensalidade fundamentais à estruturação do social e, concomitantemente, espaços potenciais de criação de alteridade. Num primeiro momento, realizamos um quadro comparativo entre as duas maneiras de fazer-experienciar cauim. Tal quadro é composto pelos aspectos sociológicos e cosmológicos: este se referindo às interferências mítico-rituais xamânicas e guerreiras; e aquele, à composição espaço-temporal dos grupos na produção do cauim e durante a cauinagem, e aos sistemas de troca estabelecidos, seja de parentesco, seja de comensalidade. Posteriormente, iniciamos uma viagem pela festa da cauinagem propriamente dita, apontando o caráter de efervescência coletiva, os motivos (a quem ou a que se consagra a festa) e a lógica do excesso, e não da escassez, presentes em tal celebração. A festa do cauim, assim como tantas outras festas, é uma experiência do social na brincadeira, uma constituição multifacetada da vida coletiva pela via da emoção, uma transgressão do cotidiano.

Viagem à festa. Esta nos aponta para algo importante: o estar junto, isto é, a relação que permite a efervescência coletiva. A festa é também um sacrifício, esbanjamento, um dom que é, concomitantemente, veneno e remédio. A cauinagem entre os Araweté e os Yudjá apresenta muitos desses pontos: o cauim pode ser visto como um nutridor e também como um matador – oferece-se um presente ao outro no intuito de embriagá-lo e embriagar é morrer; há um grande dispêndio de energia por parte dos produtores de cauim, o qual é produzido em excesso. Mas a principal característica da festa do cauim é o estar-junto – bebe-se, embriaga-se, dança-se, come-se coletivamente, junto, em relação. Lima sintetiza muito bem esse ponto: “viver em sociedade é, antes de tudo, promover refeições coletivas e cauinagens” (Lima, 2005, p. 173). A festa do cauim é um espaço propício para a afirmação de possíveis xamãs e, ainda, de experiências de alteridades por parte de qualquer pessoa. O estar ébrio é um estar outro. É a bebedeira, a festa, que permite a abertura para se viver na fronteira de uma organização social, a qual é marcada por um centro estruturado-organizado e por limites que, mesmo ligados ao centro, permitem o surgimento de efervescências (ligações, comunicações) diversas. A festa do cauim é, possivelmente, uma mito-poetização da vida dos Araweté e dos Yudjá – uma poética que engloba, dinâmico e comunicativamente, um c(a)osmos de gentes imprevisíveis.

Bibliografia básica:

LIMA, Tânia Stolze. *Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo: Ed. UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NuTI, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Araweté, os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ANPOCS, 1986.

DUVIGNAUD, Jean. “El Sacrificio Inútil” Editorial del Fondo Cultura Económica, México Primera reimpresión 1983.